

TECNOLOGIA DO COMPORTAMENTO

18. JANEIRO. 94

Entrevista com Valter da Rosa Borges sobre as dificuldades financeiras para a pesquisa em Parapsicologia.

Burocracia veta pesquisa com sensitivo

Capacitar policiais de Pernambuco para atuar em casos de paranormalidade é um projeto que só não se tornou realidade porque quando ele estava na iminência de ser adotado pela Secretaria de Segurança Pública, em fins de 1987, o seu então titular general Evilásio Gondim, foi exonerado do cargo. O Projeto de Investigação e Treinamento em Parapsicologia nas Atividades de Polícia, elaborado pelo Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas – IPPP – foi a segunda tentativa frustrada de incluir na administração do estadual procedimentos científicos na abordagem das questões paranormais. Um ano antes, no início de 1996, aquela entidade de pesquisa apresentou à Secretaria de Educação do Estado o Projeto de Assistência ao Superdotado e Paranormal. O objetivo era identificar e orientar superdotados e sensitivos encontrados na rede escolar estadual, numa primeira fase, na área metropolitana do Recife. Houve iniciativa na Câmara Municipal do Recife para adotar o projeto no município, saíram apelos da Assembleia Legislativa para a divulgação do projeto em todos os Centros Sociais Urbanos, o então secretário estadual de Educação, Alexandre Krause transformou-o em convênio com o IPPP, mas três meses depois, já no governo de Miguel Arraes todas as providências foram sustadas.



Essas duas tentativas frustradas foram inspiradas em observações das equipes do Instituto que esse ano completa 21 anos. Há muitas ocorrências estranhas transformadas em casos policiais ou fonte de boatos alucinatórios que poderiam ser solucionados se houvesse pessoal habilitado. Um desses casos está registrado nos arquivos do IPPP em 1978, Recife ficou em polvorosa com as notícias sobre um fantasma assustador na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco. Depois de muito alvoroço e noticiário desencontrado, o parapsicólogo Valter da Rosa Borges foi chamado a investigar o caso. E ele descobriu sem muito esforço que o fantasma estava na imaginação de um funcionário da Universidade com graves problemas psiquiátricos. Acreditando-se um fantasma, ele fantasiava-se e praticava todo tipo de assombrações. O velho prédio da Faculdade fornecia o ambiente ideal. Em 1985, a para-

normalidade voltou a figurar em primeiro plano na imprensa do Recife. A polícia foi chamada para investigar estranhos no Edifício Paris, na Av. Cruz Cabugá. Um pastor protestante e um médium também foram convocados e não atinaram com uma explicação. Por fim, Rosa Borges foi convidado a ir ao local pela então presidente do Sindicato dos Médicos de Pernambuco, Lea Correia e esclareceu tudo. Tratava-se de um caso típico de poltergeist, provocado por uma doméstica de 11 anos com problemas emocionais. Com a família devidamente conscientizada, tudo se normalizou em três dias. A intervenção mais polêmica, no entanto, foi em 1982. Convidado pela Federação Espírita de Pernambuco para pesquisar as cirurgias espirituais do médico Edson Queiroz, o IPPP estabeleceu um modelo para controle científico do fenômeno. A assessoria do médium não aceitou a proposta e o caso transformou-se em polêmica acirrada pela imprensa. Casos assim convenceram os pesquisadores da necessidade de divulgar o conhecimento da paranormalidade. No caso das escolas houve uma base bem sólida. De 1978 a 1985, entrevistas com estudantes universitários da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, da Universidade de Pernambuco e da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – Facho foram consideradas estatisticamente significativas. Tornado sistemático esse tipo de ação no universo maior da rede estadual de ensino poderia ser proveitoso. A burocracia vetou.

Velhas máquinas na pesquisa do novo

Para pesquisar o paranormal também é necessário equipamento. Nos países onde a parapsicologia é uma ciência de prestígio, os laboratórios são sofisticados. O do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas é dos mais simples. Sem recursos externos, contando apenas com o dinheiro das mensalidades dos seus cursos e dos eventos promovidos eventualmente, a entidade se vira como pode. Entre a aparelhagem simples e dispositivos eletrônicos, estão pêndulos de diversos modelos, “dual rod”, bússolas, baralhos Zener, dados, psicômetros, (26 tubos contendo cada um metais e uma esfera de madeira como testemunho do metal contido no tubo, sendo cinco metais diferentes distribuídos aleatoriamente) pirâmides de mármore e de vidro, imãs fortes, etc. Os mais sofisticados são os eletrônicos, montados pela própria equipe de pesquisadores sob a orientação de Ivo Cyro Caruso, incluindo metrônomos, eletroscópio à válvula, eletroscópio transistorizado, detector de ondas alfa (de 10 a 11 hz de operação) detector de acupontos (pontos de acupuntura), dado eletrônico, sequencial aleatório de 1 a 6 (tipo painel), detector de campo eletromagnético, medidor de resistência da pele (que é usado em experiência com plantas), máquina Kirlian (versão 1976), gerador de ruído branco, gerador de barras (a acoplar a TV para acompanhar variações da resistência da pele), etc.

Há carência de equipamentos mais avançados, de uso rotineiro em laboratório de pesquisa do exterior. Os dedicados parapsicólogos pernambucanos suprem suas deficiências de equipamento com engenho e criatividade. Eles também procuram se manter permanentemente atualizados, realizando duas vezes por mês reuniões de estudo. Essas reuniões são promovidas pelo Departamento Científico da entidade, dirigido pelo médico Luiz Carlos Diniz.

O esforço para divulgar o aspecto científico da parapsicologia é quase uma obsessão. Em 1975, Valter da Rosa Borges realizou, pela primeira vez, um curso básico de parapsicologia pela televisão – a Universitária do Recife. Em 1982, o IPPP começou a realizar sistematicamente seus cursos básicos de parapsicologia, de caráter informativo e destinado ao público em geral. Esse esforço de disseminação deu origem, cinco anos depois, ao processo de formação de parapsicólogos e a constituição de uma comunidade científica especializada e de alto nível de qualificação profissional. Essa iniciativa teve o apoio da então delegada do MEC, de Pernambuco, professora Creuza Aragão que designou o professor Luiz Augusto Rodrigues da Cruz para orientar a criação de um curso de pós-graduação em Parapsicologia. Em 1988, foi iniciada a primeira turma do curso de graduação (latu senso) Especialização em Parapsicologia, com 31 alunos de diversas graduações universitárias. Exemplo do caráter extremamente rigoroso do

Curso está em que apenas cinco alunos das três turmas (1988, 1989 e 1990) apresentaram defesa pública de suas monografias e foram aprovados com distinção. Foram o engenheiro Jalmir Brelaz Freira de Castro, o médico Luiz Carlos Diniz, a professora Terezinha Acioli Lins, o psicólogo Luciano da Fonseca Lins e o sociólogo Erivam Felix. Das bancas examinadoras participaram pesquisadores de renome internacional como o parapsicólogo padre Oscar Quevedo e a sensitiva russa Barbara Ivanova. O grupo ainda teve fôlego para realizar vários eventos nos seus sofridos 21 anos de existência.

* * *

TECNOLOGIA EM PERNAMBUCO.

Recife, junho de 1994. Ano II, Nº 12

Seção: Tecnologia da Mente

ROSA BORGES PROPÕE METAFÍSICA DA REALIDADE

O Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas - IPPP está se defrontando com questões que o estão forçando a desviar-se, um pouco, do rígido esquema de estudos e pesquisas executado em mais de 20 anos e a dedicar atenção também a áreas que, por ironia, são da competência das pessoas ali pesquisadas. Treinados para investigações científicas, os pesquisadores estão sendo solicitados cada vez com mais intensidade para tratar de problemas existenciais e espirituais. O presidente do IPPP, parapsicólogo Valter da Rosa Borges, explica: "Ultimamente estamos sendo procurados por pessoas em busca de uma visão metafísica da realidade, desvinculada das religiões institucionalizadas. Elas têm o senso crítico acurado e, por isso, estão insatisfeitas com soluções dogmáticas para os problemas transcendentais e suas crises existenciais. Acontece que a parapsicologia, como ciência, não pode responder a essas indagações que, por sua natureza, não se adequam à metodologia científica." É uma situação constrangedora.

Muitas dessas pessoas parecem angustiadas e necessitadas realmente de orientação, o que não é especialidade dos pesquisadores do IPPP, cuja função é a de tentar encontrar explicação científica para fenômenos paranormais. No entanto, pondera o presidente da entidade:

"Acontece que estas questões são de importância fundamental para o ser humano, pois representam uma orientação significativa para a própria existência. Refletindo sobre essa problemática emergente, resolvemos ampliar o atendimento no IPPP a essas pessoas, porém de maneira informal, mediante entrevistas previamente marcadas, onde essas questões são reavaliadas à luz de um novo modelo metafísico da realidade, com fundamento na experiência mística e nas especulações mais ousadas do campo científico. Neste modelo que ora adotamos, nada se impõe e tudo se propõe, consistindo numa permanente aventura gnosiológica, onde só a busca é definitiva." Sempre dentro da metodologia básica adotada pelo instituto durante todos esses anos,

Rosa Borges diz tratar-se de uma espécie de fé experimental, vivenciada como proposta e revista criticamente em suas consequências e resultados. "Segundo ele, "não há qualquer compromisso com o modelo proposto, porque este, embora definido conceitualmente, jamais será definitivo, pois a sua vocação não é o fechamento do círculo, mas a abertura da espiral. O Modelo Metafísico da Realidade não é uma escola, mas uma proposta de aprendizado compartilhado, onde não há doutrina nem mestres, mas o diálogo crítico sobre a própria aventura de existir. Com essa nova iniciativa, o IPPP passa a investir no homem integral, sem concorrer com as religiões institucionalizadas, mas resgatando e reavaliando o ensinamento e a experi-

ência dos grandes místicos da humanidade em todos os tempos. "Ciência, Religião e Filosofia são modos e formas de apreender e compreender a realidade e a utilização de cada uma delas, no seu domínio específico, constitui a atividade característica do homem integral." Uma equipe de parapsicólogos, psicólogos e psiquiatras fará o atendimento. É uma equipe interdisciplinar, abrangendo todo o campo do psiquismo humano. Em casos especiais, o atendimento pode ser assessorado por paranormais credenciados pelo IPPP, que tem sua sede atualmente na Rua Dom Henrique, 221, 2º andar, Boa Vista.

UMA FORMA DE VIRAR O MISTICISMO PELO AVESSE

Para entender, bem, o significado da "metafísica da realidade" proposta por Valter da Rosa Borges é preciso lembrar que, até então, ele e o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas se mantinham altamente críticos em relação à metafísica. Desconfiavam, mesmo, de tudo o que se relacionasse com metafísica. Mas a proposta não é uma rendição, um voltar atrás. É, isso sim, uma reconceituação. Ou uma logicização da angústia mística, numa tentativa de racionalizar as ansiedades espirituais, pondo-as em sintonia com os fenômenos da existência. Rosa Borges parece estar agindo diante da metafísica do mesmo modo como faz com a paranormalidade, colocando-a na condição de um fenômeno passível de ser compreendido, quantificado, como mais uma condição normal - embora mal conhecida - do ser humano. Seria uma desmistificação da metafísica.

O IPPP passa por processos de reconceituação também em relação à sua matéria básica, a paranormalidade. Em lugar de apenas submeter paranormais a experiências para tentar descobrir os mecanismos físicos dos seus dons, está indo mais além. Por exemplo: foi iniciado em julho um curso teórico e prático de paranormalidade. É destinado a pessoas dotadas de aptidões paranormais e àquelas que desejam averiguar se possuem talento parapsicológico. A parte teórica consta de aulas sobre a natureza da paranormalidade e as características da personalidade do paranormal, assim como das peculiaridades da pesquisa deste campo científico. A parte prática é constituída de testes e de procedimentos facilitadores da experiência paranormal. Há, ainda, outro serviço em andamento: o trabalho de cadastramento de paranormais de Pernambuco. Os que forem cadastrados no mês de julho receberão uma carteira, fornecida pelo instituto. Para quem quiser se cadastrar e adquirir o direito de ter uma carteira atestando sua condição de paranormal, há necessidade de submeter-se a testes com a equipe de parapsicólogos.

O IPPP decidiu instituir o Dia do Parapsicólogo, em 29 de julho. A data foi escolhida por ter sido de 29 de julho a cinco de agosto de 1953 que se realizou o 1º Congresso Internacional de Parapsicologia em Utreque, Holanda, marcando oficialmente o nascimento dessa nova ciência. Na ocasião, será realizada uma reunião na sede do instituto com discussões sobre mercado de trabalho para parapsicólogo e as atividades específicas da nova profissão.

O APOIO AOS QUE TÊM DOM

Mesmo com severas limitações financeiras, o instituto vem prestando assistência gratuita a paranormais, instruindo-os através de cursos básicos e parapsicologia e familiarizando-os, com treinamentos especiais, com seus dons psíquicos. Até o momento não foi cumprido o Art. 174 da Constituição de Pernambuco, determinando que o Estado e os municípios prestem assistência social ao paranormal, direta ou indiretamente, através de instituições devidamente credenciadas. A Constituição de Pernambuco é a única no mundo a reconhecer o valor social da pessoa dotada de aptidão paranormal. O anseio do IPPP é para que o Governo do Estado e prefeituras, através das Secretarias de Educação, de Saúde e de Trabalho e Ação Social, estabeleçam convênio com a instituição para prestar assistência ao paranormal em Pernambuco. Na avaliação dos seus pesquisadores, os custos para a manutenção de convênios desse tipo seriam insignificantes e os benefícios inestimáveis.

